

## MARTINHO LUTERO: VIDA, DOCTRINA E CONTRIBUIÇÕES

### Martin Luther: life, doctrine and contributions

Dr. Claiton André Kunz<sup>1</sup>

#### RESUMO

Diante da celebração dos 500 anos da Reforma, é um momento apropriado para revisitar a biografia de um dos personagens marcantes desse período da história da Igreja. Com certeza, Lutero não foi o único reformador, mas sua influência foi tão grande que a celebração da Reforma Protestante é marcada a partir de um dos seus atos. O artigo pretende mostrar de forma breve sua vida, sua doutrina e suas contribuições.

**Palavras chave:** Lutero. Bíblia. Igreja. Reforma. Doutrina.

#### ABSTRACT

Facing the celebration of the 500 years of the Reformation, it is an appropriate time to revisit the biography of one of the outstanding characters of this period of Church history. Certainly, Luther was not the only reformer, but his influence was so great that the celebration of the Protestant Reformation is marked by one of his acts. The article aims to show briefly his life, his doctrine and his contributions.

**Keywords:** Luther. Bible. Church. Reform. Doctrine.

#### INTRODUÇÃO

Em toda a história Deus sempre levantou pessoas de acordo com a necessidade específica de cada circunstância. Quando o povo de Israel precisava ser liberto da escravidão no Egito e ser conduzido à terra prometida, era necessário um *líder* e Deus despertou Moisés. Quando o povo de Deus precisava fortalecer sua esperança nas profecias sobre a vinda do

---

<sup>1</sup> O autor é graduado em Teologia e Filosofia. Possui mestrado em Novo Testamento, e mestrado e doutorado em Teologia. É professor, coordenador acadêmico e diretor da Faculdade Batista Pioneira (Ijuí / RS) e professor do Mestrado Profissional em Teologia da FABAPAR. E-mail: [claiton@batistapioneira.edu.br](mailto:claiton@batistapioneira.edu.br)

Salvador, o Maravilhoso, o Conselheiro, o Deus Forte, o Pai da Eternidade e Príncipe da Paz, era necessário um *profeta* e Deus despertou *Isaías*. Quando o povo de Deus precisava saber que o Verbo já se havia feito carne em Cristo, e o aceitasse por ser o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo, era necessário um *precursor* e Deus despertou *João Batista*. Quando o povo de Deus precisava levar o evangelho sobre a morte e ressurreição de Cristo para os continentes da Ásia e da Europa e até os confins do mundo, era necessário um *missionário*, então Deus despertou *Paulo*.

Quando o povo de Deus do século XVI precisava ver uma reforma na estrutura da igreja, e ser libertada de preceitos humanos, “mercadejadores” da palavra de Deus, e de homens ímpios que transformaram em libertinagem a graça de nosso Deus, era preciso um *teólogo* e um *reformador*, então Deus despertou *Lutero*.

Após um longo período de trevas para a Igreja Cristã, o mundo da época estava preparado para sofrer uma reforma em sua estrutura. Fatores políticos, econômicos, sociais, religiosos e intelectuais, concorriam para uma atmosfera favorável a qualquer movimento que significasse uma revolta contra Roma. O homem e a ocasião se encontraram na Alemanha do século XVI. Este artigo tem por objetivo contemplar a vida e a teologia deste reformador e sua influência sobre a sociedade de então.

## 1. UMA BREVE BIOGRAFIA DE LUTERO

### 1.1 Lutero e sua Infância

Martinho Lutero nasceu no dia 10 de novembro de 1483, em Eisleben, pequena cidade na Alemanha central. Seus pais, Hans Luther e Margarete Ziegler Luther, eram camponeses, de origem humilde e pobres, mas trabalhadores e piedosos. Seu pai mudou-se para a cidade e começou a trabalhar nas minas de cobre e de prata. Não era iletrado, pois amava os livros e a maior ambição da vida era ver o filho primogênito formado em Direito, para ocupar alguma alta posição na sociedade. Os pais não permaneceram por muito tempo em Eisleben. Havendo melhores oportunidades para minerar, em Mansfeld, mudaram-se para lá, onde permaneceram até o fim da vida. Hans e Margarete foram muito austeros para com os filhos. Não pouparam a vara. Não raras vezes castigavam com demasiada severidade as ofensas cometidas pelos filhos. Também, conscientes de seu dever, educaram os filhos no temor de Deus e na prática do bem.<sup>2</sup>

Martinho Lutero ainda não atingira a idade de cinco anos, quando seus pais o matricularam na escola primária. Também na escola reinava severa disciplina; numerosas vezes, os alunos eram espancados pelos professores, mesmo não havendo motivo para este castigo. Assim, a infância de Lutero foi um tanto atribulada, mas deu-lhe também uma tempera de aço na resistência às perseguições e lutas em que entraria. O que se ensinava nestas aulas era pouco mais que superstição e idolatria papistas. Assim foi criado com a ideia de que a Igreja era a “Casa do Papa”, na qual o bispo de Roma tinha todo o direito como se fosse o seu dono. Absorvia as superstições tão comuns ao povo, algumas das quais lhe ficaram na vida até o fim.

---

<sup>2</sup> JUST, Gustav. *Deus despertou Lutero*. 3.ed. Tradução de Gastão Thomé. Porto Alegre: Concórdia, 2012, p. 43-41.

## 1.2 Lutero e seus estudos

Atingindo a idade de quatorze anos, Lutero despediu-se de seus pais e irmãos, viajando para Magdeburgo; pois era desejo de seu pai que ele tivesse um excelente preparo para o seu futuro. Em Magdeburgo, Lutero frequentou o ginásio, cuja fama era, na época, muito superior à dos demais colégios. Sua situação financeira era precaríssima, passando por sérias dificuldades para se manter. Ainda que houvesse casas de estudantes na cidade e o ensino fosse ministrado gratuitamente pelos monges, cabia aos próprios alunos cuidarem de sua alimentação. Assim, Lutero viu-se obrigado a cantar diante das portas a fim de obter o sustento para a sua vida. Após um ano, a carência de recursos obrigou-o a abandonar seus estudos em Magdeburgo.<sup>3</sup>

Depois de uma breve permanência na casa paterna, Lutero matriculou-se no colégio de Eisenach. Nesta cidade residiam muitos parentes, os quais seus pais esperavam que lhe ajudassem. Estes parentes, porém, pouco fizeram por ele. Lutero novamente passou por tempos difíceis em relação aos estudos. Por isso, viu-se obrigado, junto com outros colegas, a mendigar para ganhar alimentos e dinheiro. Um dia, uma senhora da alta sociedade de Eisenach compadeceu-se de Lutero e recebeu-o em sua casa. No lar piedoso da Dona Ursula Cotta, esposa do comerciante Konrad Cotta, Lutero sentia o primeiro influxo da cultura e das boas maneiras. Não é de admirar que Lutero sempre gostava de lembrar-se deste tempo feliz na cidade de Eisenach, a qual chamava de “cidade bem-amada”. Nesta cidade, também foi mais feliz com seus mestres. Na pessoa de João Trebonius encontrou quem sabia aliar a cortesia à erudição. Sob a direção deste mestre, Lutero desenvolveu-se rapidamente. A vida escolar tornou-se agradável e proveitosa.<sup>4</sup>

Completados quatro anos em Eisenach, Lutero, agora com dezoito anos, matriculou-se na Universidade de Erfurt, em 1501. O pai estava agora em condições de ajudar o filho e livrá-lo das preocupações quanto à sua manutenção, podendo Martinho dedicar-se inteiramente aos estudos. Como estudante, Lutero não participou da vida leve de muitos de seus colegas; ao contrário, cada manhã costumava iniciar seus estudos com sincera oração e meditação na igreja. O seu lema era: “Orar com assiduidade, já é estudar mais que a metade”. Logo, os frutos deste estudo incessante começaram a aparecer: em 1502 obteve o grau de bacharel, e em 1505 o de mestre em filosofia.

Estudante esforçado, fazia da oração parte integrante do seu cotidiano... De seus colegas recebeu dois apelidos: “filósofo” e “músico”. De fato, depois da Teologia, a Música foi que mais o atraiu. A Música constava do currículo universitário, mas estava ligada ao ensino de Matemática. Lutero teve-a no currículo, mas soube valer-se dela em outras ocasiões.<sup>5</sup>

Um dia, na biblioteca da universidade, Lutero encontrou o livro dos livros, a Bíblia, a qual nunca tinha visto antes. Ficou admirado ao constatar que ela continha muito mais do que as epístolas e evangelhos que comumente eram lidos na Igreja. Examinando o Antigo Testamento, deparou-se com a história de Samuel e Ana, que leu com avidez e coração transbordante de alegria, desejando que Deus, um dia, também lhe desse um desses livros de presente e fizesse dele um piedoso Samuel.

<sup>3</sup> JUST, 2012, p. 43-44.

<sup>4</sup> JUST, 2012, p. 45.

<sup>5</sup> DREHER, Martin N. De Luder a Lutero: uma biografia. São Leopoldo: Sinodal, 2014, p. 30.

A fim de recobrar sua saúde, Lutero resolveu, no ano de 1505, passar algum tempo na casa dos pais. No seu retorno para Erfurt, desencadeou-se uma terrível tempestade. Um raio caiu ao seu lado, seguindo-se um estrepitoso trovão. Caindo no chão, exclamou: “Ajuda-me, querida Santa Ana, e eu te prometo que, logo a seguir me tornarei monge!” Pois só assim ele achava que poderia se reconciliar com Deus e encontrar a tão desejada paz para a sua alma.<sup>6</sup>

### 1.3 Lutero no Convento Agostiniano

Lutero sentia-se constrangido pela sua consciência a cumprir a promessa que fizera, e assim, no dia 17 de julho de 1505, dirigiu-se para o convento dos monges agostinianos em Erfurt, para ser admitido como frade. Despedindo-se de seus amigos e contra a vontade de seus pais, entrou no convento para achar no silêncio a paz de sua alma que não conseguira alcançar no mundo.

No convento, Lutero submeteu-se a todas as lidas e penitências. Vigia à porta, regulava o relógio, varria a igreja e fazia a limpeza nas privadas. O mais difícil para ele era andar pelas ruas da cidade em busca de donativos, pois os monges lhe diziam que é mendigando, e não estudando, que se prestava serviço aos conventos e os enriquecia. Mesmo assim, Lutero encontrava tempo para ler a Bíblia com assiduidade. Posteriormente, o prior do convento dispensou-o dos trabalhos humildes e encorajou-o a prosseguir no estudo das Sagradas Escrituras.

Em 1507, recebeu a ordenação sacerdotal. Como padre, pensava que poderia realizar perante Deus obras ainda maiores e mais sublimes. A intenção de Lutero era obter a graça de Deus mediante as obras, a ponto de, posteriormente afirmar de si mesmo: “Com efeito, tenho sido um monge piedoso e, se alguma vez um monge ganhou o céu através da vida monástica, então eu também entraria nele”.<sup>7</sup> No entanto, a paz da alma, que ele não havia encontrado no mundo, não a encontrou no convento, a despeito de todas as boas obras.

Várias vezes, Lutero, ao estar deprimido, foi consolado por outros frades do convento. Numa ocasião, Staupitz disse-lhe: “Cristo é a remissão dos pecados. Ele é o verdadeiro Salvador e você o legítimo pecador. Deus enviou seu Filho e o entregou à morte por nós”. Noutra situação, outro frade consolou-o, dizendo:

Eu creio na remissão dos pecados. Não é suficiente crer, de um modo geral, que Deus perdoa os pecados, pois isso os demônios também creem, mas é preciso crer que eles são perdoados para você, sim, para você pessoalmente. Pois o homem é justificado por graça, por meio da fé.<sup>8</sup>

Assim já naquela época, penetrava na alma de Lutero, mergulhada nas trevas do papismo, um tênue raio de luz.

### 1.4 Lutero como Mestre

Após ter permanecido três anos no convento, Lutero foi chamado para o cenário onde, mais tarde, iria travar-se a luta contra o papado. No outono de 1508, o monge agostiniano de 25 anos encontra seu novo lar na Universidade de Wittenberg, fundada por Frederico da

---

<sup>6</sup> JUST, 2012, p. 48.

<sup>7</sup> JUST, 2012, p. 51.

<sup>8</sup> JUST, 2012, p. 52.

Saxônia. Lutero começou sua atividade docente como professor de Filosofia, se bem que de preferência, teria feito preleções sobre Teologia. Mas já no ano de 1509 recebeu autorização para dar aulas de exegese escriturística a seus alunos. Assim, dedicou-se com alegria e prazer ao estudo das Sagradas Escrituras, procurando nelas as causas da salvação eterna.

Lutero também foi convidado a pregar. Mesmo não querendo aceitar logo de início, cedeu às reiteradas solicitações e começou a pregar a palavra de Cristo numa pequena capela de convento. Logo o recinto tornou-se pequeno demais para a afluência cada vez mais numerosa de burgueses e estudantes. Então, abriram-se as portas da igreja paroquial de Wittenberg, tendo recebido dela um chamado especial, onde teve oportunidade de levar a palavra a milhares de ouvintes.

Em 1511, Lutero recebeu a incumbência de viajar a Roma a fim de tratar de assuntos do convento. Isto fez o seu coração transbordar de alegria, pois esperava encontrar em Roma paz e alívio para a sua consciência. A viagem tinha de ser feita a pé, pois não havia outro jeito, e durou treze semanas. Lutero, no entanto, não conseguia alegrar-se durante a viagem. Continuamente lhe soava nos ouvidos a palavra das Escrituras: “O justo viverá por fé”.

Em Roma, cheio de devoção, procurou saciar a sua alma. Na praça de São João, encontrava-se uma escadaria chamada a escada de Pilatos, a qual antigamente teria se encontrado em Jerusalém, tendo o Salvador subido e descido por ela na semana da sua paixão e morte. Quando Lutero galgava de joelhos os degraus dessa escada com o fim de apaziguar a ira de Deus e fazer penitência pelos seus pecados, parecia ouvir uma voz de trovão que bradava: “O justo viverá por fé”. Assim este versículo tornava-se cada vez mais o farol que lhe apontava a verdadeira escada do céu.

Após quatro semanas em Roma, retornou a Wittenberg onde foi convidado a receber o grau de doutor em Teologia. Assim em outubro de 1512, colou o grau de doutor em teologia. Lutero lançou-se então ao estudo de todas as Sagradas Escrituras e, pelo poder do Espírito Santo, não demorou a compreender a diferença entre lei e evangelho. Só então começou a compreender com clareza e na íntegra o sentido do versículo “O justo viverá por fé”. Cairns descreve assim o momento de “conversão” de Lutero:

Quando preparava suas aulas, encontrou a paz interior que não conseguia nos ritos, nos atos ascéticos ou na famosa Teologia Germânica dos místicos... A leitura do verso 17 do capítulo 1 de Romanos convenceu-o de que somente pela fé em Cristo era possível alguém tornar-se justo diante de Deus. A partir daí a doutrina da justificação pela fé e a *sola scriptura*, a ideia segundo a qual as Escrituras são a única autoridade para o pecador procurar a salvação, passaram a ser os pontos principais de seu ensino teológico.<sup>9</sup>

Nesta época também recebeu outras incumbências. Numa carta para um amigo, em 1516, ele escreve:

Ser-me-iam precisos dois secretários. Durante o dia não faço outra coisa senão escrever cartas. De mais sou pregador do convento, e, no refeitório, todos os dias me pedem que pregue na igreja paroquial. Sou vigário do distrito, isto é, onze vezes prior. Tenho a responsabilidade do lago de peixes de Leitkan, sou mandatário em Torgam no processo dos Frades de Herzberg; faço meu curso sobre São Paulo, recolho notas sobre o saltério e passo os dias

---

<sup>9</sup> CAIRNS, E. E. *O Cristianismo através dos séculos: uma história da Igreja Cristã*. São Paulo: Vida Nova, 2008, p. 234.

escrevendo. Raramente tenho o tempo necessário para recitar minhas horas canônicas e rezar minha missa, sem falar das tentações da carne, do mundo e do demônio. Eis o homem desocupado que sou.<sup>10</sup>

Lutero também rompeu com o método tradicional de ensinar a teologia. Em vez de comentar sobre o Escolasticismo e as tradições, dedicou-se à Bíblia. Estava, assim, lançando um dos princípios fundamentais do Protestantismo — a autoridade suprema das Sagradas Escrituras. Os tópicos mais comentados eram a justiça da fé, os méritos de Cristo e a distinção entre a Lei e o Evangelho.

### 1.5 Lutero e as 95 teses

Nesta época, Leão X era o ocupante do trono papal em Roma. O que este papa acreditava consta das suas próprias palavras que ele dirigiu a um de seus bispos: “Oh quanto dinheiro já nos rendeu a fábula de Cristo!”<sup>11</sup> A fim de arrumar dinheiro para os seus divertimentos, instituiu uma indulgência geral como pretexto de que necessitava de dinheiro para continuar as obras da basílica de São Pedro, em Roma. Esta indulgência foi chamada de *Indulgência Plenária*, a qual traria grandes benefícios de toda a espécie, incluindo a remissão de pecados, isenção da necessidade de penitência e a libertação de almas do purgatório.

O arcebispo Alberto de Mognúcia foi encarregado da venda das indulgências na Alemanha. Este contratou monges que percorriam o território germânico vendendo as mesmas. Entre estes vendedores de indulgências, nenhum agia com tanta má fé como o monge João Tetzel. Homem sem escrúpulos, que, com o fim de promover sua mercadoria, fazia afirmações escandalosas, como por exemplo:

Tetzel e seus subalternos proclamavam que a indulgência que vendiam deixava o pecador «mais limpo do que saíra do batismo», ou «mais limpo do que Adão antes de cair», que «a cruz do vendedor de indulgências tinha tanto poder como a cruz de Cristo» e que, no caso de alguém comprar uma indulgência para um parente já morto, «tão pronto a moeda caísse no cofre, a alma saía do purgatório».<sup>12</sup>

Eu não trocava por certo meus privilégios pelos que tem São Pedro no céu; porque eu tenho salvo mais almas com minhas indulgências do que o apóstolo com os seus discursos... Vinde ouvintes, e eu vos darei cartas munidas de selos, pelas quais até os pecados que tiverdes vontade de cometer no futuro vos serão todos perdoados...<sup>13</sup>

Após ter assim se manifestado em muitos lugares, Tetzel chegou também aos arredores de Wittenberg. Suas afirmações causavam repugnância entre os mais informados, que sabiam que a doutrina da igreja não era assim como a apresentava Tetzel. Apesar de muitos se ressentirem pela situação, ninguém protestava, e as vendas continuavam.

Lutero então dirigiu um apelo veemente a Alberto de Mognúcia e outros bispos, no sentido de coibir a ação blasfematória do monge Tetzel, porém sem qualquer êxito. Foi então que Lutero fixou suas famosas “95 teses” na porta da igreja do castelo de Wittenberg, no dia

<sup>10</sup> BUYERS, Paul E. **Martinho Lutero: o homem que abalou o mundo**. São Paulo: Junta Geral de Educação Cristã da Igreja Metodista do Brasil, 1949, p. 51.

<sup>11</sup> JUST, 2012, p. 61.

<sup>12</sup> GONZALEZ, Justo L. **A Era dos Reformadores: uma história ilustrada do cristianismo**. Tradução de Itamir de Souza. São Paulo: Vida Nova, 1995, p. 53.

<sup>13</sup> BUYERS, 1949, p. 63. Ver nesta mesma obra, um modelo (conteúdo) de uma indulgência (p. 64).

31 de outubro de 1517. Martinho escolhera este dia, pois no dia seguinte celebrar-se-ia o dia de todos os santos, dia em que a igreja de Wittenberg seria procurada por muitos peregrinos, que queriam receber as indulgências prometidas aos que veneravam os santos exibidos naquele dia (100 dias de indulgências ganhava aquele que venerava um santo).

Esse era o modo usual de se anunciar uma disputa e não havia nada de dramático no ato. Lutero confiava receber o apoio do papa pelo fato de revelar os males do tráfico das indulgências. As 95 teses continham o seguinte cabeçalho:

**Uma disputa do Mestre Martinho Lutero, teólogo, para elucidação da virtude das indulgências.** Com o desejo ardente de trazer a verdade à luz, as seguintes teses serão defendidas em Wittenberg sob a presidência do Rev. Frei Martinho Lutero, Mestre de Artes, Mestre de Sagrada Teologia e Professor oficial da mesma. Ele, portanto, pede que todos os que não puderem estar presentes e disputar com ele verbalmente, o façam por escrito. Em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo. Amém.<sup>14</sup>

O impacto foi tanto que esta data é marcada como o início da reforma protestante. Imediatamente foram produzidos um grande número de cópias das teses e foram distribuídas por toda a Alemanha, tanto no original latim, como em tradução alemã. “Em 14 dias, difundiram-se por toda a Alemanha, e em quatro semanas já eram conhecidas em quase toda a cristandade como se os próprios anjos tivessem sido os mensageiros”.<sup>15</sup> O próprio Lutero desconhecia o efeito que essas teses haveriam de produzir de acordo com a vontade de Deus. Alguns jubilavam, pois seus corações adivinhavam que através dessa doutrina poderiam alcançar a paz com Deus e sua consciência. Outros, assustados, temiam pela vida de Lutero. A todos esses Lutero assegurava, cheio de coragem e confiança em Deus: “Queridos pais, se a obra não é iniciada em nome de Deus, ela logo perecerá; mas se for iniciada em seu nome, então deixai Ele agir”.<sup>16</sup>

### 1.6 Lutero, os Debates Teológicos e a Excomunhão

O papa Leão X, no início, não deu muita importância ao assunto, pensando que o litígio em breve haveria de morrer por si mesmo. Mas quando percebeu que o seu prestígio estava cada vez mais ameaçado pelo fato de muitas pessoas piedosas inclinarem-se a aceitar a doutrina pura do evangelho, ele intimou Lutero a comparecer em Roma dentro de um prazo de sessenta dias, a fim de responder pela sua heresia. Se Lutero tivesse obedecido à exigência do papa, dificilmente teria escapado da morte ou do cárcere; pois todos sabiam que Roma era qual cova de leões, onde muitas pegadas levam para o seu interior, mas nenhuma para o lado de fora.

A interferência do príncipe eleitor Frederico, o Sábio, conseguiu, de acordo com os desígnios de Deus, que Lutero fosse inquirido na Alemanha. Esse inquérito realizou-se em Augsburgo, sob a presidência do cardeal Caetano. Houve três encontros entre os dois. A recepção foi fria. Caetano queria obrigar Lutero a retratar-se. Não conseguindo a retratação dele, no fim do terceiro encontro disse: “Retrata-te ou não voltes mais!”.<sup>17</sup>

<sup>14</sup> BETTENSON, Henry. **Documentos da igreja cristã**. Tradução de Helmuth Alfredo Simon. São Paulo: ASTE, 1998, p. 281. Ver nesta mesma obra, relação das 95 teses, p. 281-290.

<sup>15</sup> JUST, 2012, p. 65.

<sup>16</sup> JUST, 2012, p. 66.

<sup>17</sup> BUYERS, 1949, p. 68.

Roma teria intervindo logo com o dardo da excomunhão, se não houvesse motivos políticos. Portanto, não queriam ferir a pessoa do príncipe-eleitor, o qual estava firmemente decidido a não permitir que seu professor fosse excomungado, sem antes ter sido ouvido e contraditado. Assim, o papa enviou Carlos Miltitz à presença do príncipe para fazer-lhe a entrega de uma rosa de ouro consagrada. Por meio desse estratagema, o papa tencionava obter a simpatia, para que apoiasse a Miltitz na sua missão. Quando, porém, o embaixador do papa chegou à Alemanha, constatou de imediato que era preciso tratar Lutero com amabilidade, caso não quisesse indispor-se com o povo.

No encontro que aconteceu em Altenburg, no ano de 1519, Miltitz mostrou-se extremamente amável para com Lutero, pedindo-lhe que o ajudasse a restabelecer a paz na igreja. No segundo encontro, chegaram ao seguinte acordo, conforme descrito por Lutero:

Primeiro: É proibido às duas partes pregar, escrever e trabalhar por mais tempo em relação à disputa suscitada. Segundo: Miltitz dará sem detença conhecimento do estado das cousas ao santo padre. Sua santidade ordenará a um bispo esclarecido que promova sindicância do negócio, e faça indicação dos artigos errôneos de que eu devo retratar-me. Se me provarem que estou em erro, retratar-me-ei de bom grado, e nada mais farei que possa prejudicar a honra ou a autoridade da santa igreja de Roma.<sup>18</sup>

Jantaram alegremente juntos depois desta combinação. Quando se separaram, Miltitz deu um beijo em Lutero. Mais tarde, quando Lutero descobriu a falsidade do emissário papista, ele chamou o seu beijo de Judas, pois somente por temor aos partidários de Lutero é que ele desistiu do plano de o levar manietado para Roma.

Eck, um escolástico bem preparado e um dos melhores polemistas de sua época, propôs uma discussão pública com Carlstadt, na cidade de Leipzig. Carlstadt era o campeão das ideias de Lutero e, assim, Eck queria enredar também a Lutero a partir dessa discussão. Eck formulou as teses para serem discutidas e escreveu uma carta para Lutero, insistindo que estivesse presente na discussão, visto que suas doutrinas seriam atacadas. Até aqui Lutero havia se mantido em silêncio sobre o assunto, em obediência à sua promessa feita a Miltitz. Mas, visto que o pacto não fora observado, julgou-se livre para agir.

Desta forma, as três personalidades reuniram-se no ano de 1519, para um debate público. Primeiro Eck discutiu com Carlstadt a respeito do livre-arbítrio; em seguida, com Lutero sobre o poder supremo do papa. Lutero testemunhou que a igreja, de fato, precisa de um chefe, mas que este é Cristo e não o papa, e que o poder que o papa se arrogava conflitava com as Sagradas Escrituras e com os fatos dos primeiros séculos relatados na História Eclesiástica.

Discutiram também sobre purgatório, indulgências e penitências. Aqui os autores se dividem. Alguns dizem claramente que Lutero saiu como o único vitorioso, e que Eck saiu abatido e envergonhado pela sua derrota. Outros dizem que Eck foi muito hábil em conduzir a discussão, levando Lutero a tomar posições perigosas, não podendo ficar do lado da ortodoxia, ou seja, apelando somente para as Escrituras. Assim, ainda que Lutero não saiu como vitorioso deste debate, contudo serviu para clarear sua própria mente. A posição que tomou nesta época foi irrevogável; não podia voltar para trás sem repudiar a sua própria experiência.

---

<sup>18</sup> BUYERS, 1949, p. p.72.

Pouco tempo depois do debate em Leipzig, Eck viajou para Roma e persuadiu o papa a ameaçar Lutero com a excomunhão. Isso de fato aconteceu no dia 15 de junho de 1520, através da bula papal *Exsurge Domine*.<sup>19</sup> A doutrina de Lutero foi anatematizada e seus livros condenados à fogueira, a fim de extirpar a sua memória entre os cristãos.

A bula não foi bem recebida na Alemanha. Lutero ficou alegre com a chegada da bula, porque serviu como desafio à verdade que pregava. A 10 de dezembro de 1520, reuniram-se, em grande número, alunos e professores, para tomarem parte na queima da Bula pontifícia. Lutero, tomando em mãos o Direito Canônico, as Decretais, as Clementinas e as Extravagantes dos papas, lançou-os no fogo. Depois de serem consumidos pelo fogo, levantando a bula, jogou-a no fogo, dizendo: “Visto que afligiste o santo do Senhor, sejas, pois, consumido pelo fogo eterno!”.<sup>20</sup>

Por este ato, Lutero separou-se para sempre da Igreja Católica Romana. Teimou em desafiar o poder mais forte, mais temido no mundo naquele tempo. Daí em diante a sentença de morte estava lavrada; só a providência divina poderia livrá-lo de sua execução. Também chegou o tempo em que os homens tinham de definir-se: os mais tímidos afastaram-se de Lutero e da causa que defendia. Mas a grande maioria do povo alemão e também os príncipes e o baixo clero estavam ao lado de Lutero.

No dia 3 de janeiro de 1521, apareceu uma nova bula de excomunhão, *Decept pontificem romanum*<sup>21</sup>, na qual o papa pronunciava a proscricção e a excomunhão sobre Lutero e seus seguidores, que no texto são denominados “luteranos”.

No ano de 1521, o imperador Carlos V realizou sua primeira dieta imperial, na cidade de Worms. Entre outros assuntos, também deveria ser tratada a questão de Lutero. Muitos amigos alertaram-no dos riscos que iria correr, achando que seria queimado como acontecera com Huss. Porém Lutero respondeu:

Não duvido que é do Senhor, se o imperador me intimar a comparecer. Se eles empregam a força, que é mui provável, minha causa será entregue ao Senhor porque Ele vive e conservou os três filhos israelitas na fornalha do rei da Babilônia. Se Ele não me quer conservar a vida é uma causa pequena em comparação à causa de Cristo, que foi morto para a desgraça de todos e prejuízo de muitos. Podem esperar tudo de mim, menos a fuga ou retratação. Não fugirei, muito menos me retratarei. Que o Senhor Jesus me fortaleça.<sup>22</sup>

No dia 26 de março, o arauto imperial Gaspar Sturm, um simpatizante dos luteranos, chegou para escoltar a Lutero com segurança até Worms. Chegando a Worms, “homens, mulheres e crianças o saudavam em transbordante alegria, bendizendo o dia em que lhes fora permitido ver o homem que ousara romper os laços e as cadeias do papa”.<sup>23</sup> Também recebeu numerosas manifestações de apoio da parte de condes e nobres. No dia seguinte Lutero deveria comparecer perante os grandes e poderosos do império e dar, na presença de muitas testemunhas, uma corajosa confissão.

<sup>19</sup> WALKER, Williston. *História da igreja cristã*. 4.ed. Tradução de N. Duval da Silva. São Paulo: ASTE, 2015, 501 p.

<sup>20</sup> JUST, 2012, p. 73.

<sup>21</sup> WALKER, 2015, p. 504.

<sup>22</sup> BUYERS, 1949, p. 72.

<sup>23</sup> JUST, 2012, p. 76.

Quando compareceu perante a dieta, foi inicialmente questionado sobre seus livros e se os reconhecia como sendo seus. Em seguida, queriam saber se ele estava disposto a desmentir o seu conteúdo, ou se preferia permanecer fiel ao mesmo. Lutero confirmou ser o autor dos mesmos, mas quanto à questão de desmenti-los ou não, explicou que precisava de tempo para pensar, já que se tratava de um assunto que envolvia a fé, a salvação e a palavra de Deus. Respeitando a posição de Lutero, o imperador lhe concedeu um prazo de 24 horas para meditar sobre a decisão que deveria tomar.

No dia seguinte, compareceu novamente perante a dieta, e com humildade, mas com grande alegria e firmeza, expôs tudo o que ensinara e escrevera, somente preocupando-se em buscar a glória de Deus e a salvação dos cristãos. Pediu, assim, que o vencessem e o convencessem por meio dos escritos dos profetas e dos apóstolos. Se isso acontecesse, ele estaria disposto a, voluntariamente, revogar todo erro e a ser o primeiro a lançar os seus livros ao fogo.

No dia 26 de abril, Lutero deixou Worms, após ter recebido do imperador um novo salvo-conduto, válido por 21 dias. Assim visitou muitos lugares e conhecidos e também pregou em outros tantos lugares. No dia 4 de maio, quando viajava numa carruagem, cavaleiros armados e mascarados o cercaram, e puxando-o para fora da carruagem fizeram-no montar num cavalo e desapareceram na floresta, levando-o até o castelo de Wartburg. Foi esta uma providência tomada pelo príncipe eleitor Frederico, o Sábio, para proteger o reformador dos seus adversários. Toda a Alemanha ficou consternada com o rapto de Lutero. Durante dez meses ele morou ali, ocultando a sua identidade na pessoa de um cavaleiro chamado Georg. Trocou suas vestes monásticas pelo gibão e o culote de cavaleiro, deixando também crescer a barba. Na quietude de seu retiro, ocupou-se com o estudo das Sagradas Escrituras, escreveu sermões sobre os evangelhos e traduziu o Novo Testamento para a língua alemã.

Sobre este período em Wartburg, Lindberg afirma:

Lutero dizia que lá, bem acima das colinas que cercavam o castelo, ele estava comodamente escondido na terra dos pássaros. E esse descanso vinha a calhar para aquele que o mestre-cantor de Nurembergue, Hans Sachs, chamou de “rouxinol de Wittenberg”.<sup>24</sup>

Ao tempo em que estava em Wartburg, Nicolau Storch e Mark Stubner, conhecidos como profetas de Zwickau, apareceram em Wittenberg e começaram a pregar e praticar loucuras, dizendo que eram iluminados e chegando a dizer que não precisavam da Bíblia, porque recebiam revelações diretamente de Deus. Mesmo sob risco de vida, Lutero retornou a Wittenberg, em 1522. Depois de oito dias de sermões candentes, em que salientou a autoridade da Bíblia e a necessidade de uma mudança gradual na Igreja, Lutero aniquilou os profetas de Zwickau.

No ano de 1530, o imperador Carlos V convocou uma dieta imperial para a cidade de Augsburgo. Então o príncipe João, o Constante, encarregou seus teólogos de elaborarem uma síntese breve e clara dos pontos principais da doutrina evangélica. Assim, acompanhado de Lutero, Melanchthon, Espalatino, Jonas e Agrícola, o príncipe João pôs-se a caminho de Augsburgo. Como Lutero ainda era considerado um proscrito e a cidade de Augsburgo recusara-se a recebê-lo, o príncipe determinou que ele fosse levado à fortaleza de Coburg, para

---

<sup>24</sup> LINDBERG, Carter. *As reformas na Europa*. Tradução de Luís Henrique Dreher e Luís Marcos Sander. São Leopoldo: Sinodal, 2001, p. 112.

poder contar com ele em caso de necessidade. Assim, Melanchthon prontificou-se a explicar mais detalhadamente a Confissão. A fim de obter a aprovação de Lutero, ele enviou o documento a Coburg. Assim, originou-se o documento que é conhecido pelo nome de “Confissão de Augsburgo”.<sup>25</sup>

Aproximava-se o dia no qual o pequeno grupo de confessores luteranos deveria, perante o imperador e o reino, professar a sua fé no Senhor. Um dia antes, à noite, o príncipe-eleitor João convidou seus companheiros a comparecerem na sua hospedaria. Tendo em sua mão um rolo de pergaminho, o príncipe pegou uma caneta e o assinou com pulso firme, enquanto falava: “O Deus todo-poderoso queria conceder sua graça eternamente, assim que tudo redunde para sua honra e glória”. Após isso, todos, decididamente, assinaram o importante documento, que, no dia 25 de julho de 1530, foi lido diante do imperador alemão Carlos V e dos mais altos dignitários do império.

Por determinação do imperador, os teólogos papistas se puseram, imediatamente, a elaborar um documento, no qual se procurava refutar a Confissão de Augsburgo. Essa declaração, conhecida pelo nome de *Refutação*, fora, no entanto, tão mal redigida, que se tornou imperioso reescrevê-la. Melanchthon escreveu uma excelente defesa da Confissão, a *Apologia*, a qual, porém, o imperador não aceitou, nem permitiu que fosse lida, dando o assunto como encerrado, estabelecendo um prazo de meio ano para os luteranos refletirem, ordenando-lhes que até lá deveriam retornar ao seio da igreja católica. Porém, os fiéis confessores declararam que não tinham obtido nenhuma refutação bem fundamentada na palavra de Deus e que, por isso, tencionavam permanecer na fé dos profetas e apóstolos, submetendo tudo mais à graciosa vontade de Deus.

Em 1534, apareceu, pela primeira vez em língua alemã, a Bíblia na sua versão completa. Em 1522, Lutero já havia traduzido o Novo Testamento, pois convencera-se de que se a Bíblia é a fonte de ensino para a vida eterna, então ela precisa estar na língua do leitor cristão. O Antigo Testamento foi um penoso trabalho feito com a ajuda de uma equipe de colaboradores. Outra joia que Deus legou à cristandade por intermédio de Lutero foi, sem dúvida, o Catecismo Menor.<sup>26</sup> Escrito em 1529, o Catecismo Menor servia de base para a instrução da pobre cristandade, ou seja, uma forma sucinta, simples e singela de apresentar a doutrina cristã. Lutero também fez grande contribuição para o cristianismo, com seus hinos e cânticos. Preocupou-se em que o canto não se restringisse apenas aos clérigos e meninos de coro, mas que a comunidade toda devesse cantar hinos em louvor a Deus nos céus, e isso em sua língua materna.

### 1.7 Lutero e sua vida familiar

De acordo com a doutrina da igreja católica romana, não é permitido àqueles que vivem no estado clerical, como monges, freiras e padres, casarem-se. Lutero, no entanto, baseado na palavra de Deus, provou que a doutrina do celibato, conforme pregada pela igreja católica, é falsa e que o matrimônio é instituição divina e permitido a todas as pessoas, sem restrição. Assim, no dia 13 de junho de 1525, Lutero convidou seus amigos Bugenhagen, Justus Jonas,

<sup>25</sup> Veja-se o documento na íntegra em BETENSON, 1998, p. 317-320.

<sup>26</sup> O documento, também chamado de Catecismo Breve, pode ser encontrado na íntegra em BETENSON, 1998, p. 305-316.

Apel e o pintor Lucas Kranach com sua esposa para a ceia, e na presença deles casou-se com Catarina de Bora.

O casamento de Lutero com Catarina foi abençoado com seis filhos, que foram educados segundo os padrões de uma disciplina austera e no temor de Deus. O quanto Lutero amava a seus filhos mostra, de modo extremamente tocante, o seu comportamento por ocasião da enfermidade e morte de sua filhinha Madalena. Para as pessoas presentes, expressou-se da seguinte maneira: “Estou alegre em espírito, mas, segundo a carne, estou muito triste. A despedida sempre nos causa uma profunda dor. Coisa esquisita é saber-se que ela está em paz no céu, e a gente, assim mesmo, sentir-se tão triste”.<sup>27</sup>

O príncipe-eleitor João cedeu, por moradia a Lutero, o antigo prédio do convento. Era um vasto casarão, com um lindo jardim, junto ao muro da cidade. As limitadas celas conventuais foram transformadas em amplas dependências. Neste renovado ambiente, Catarina montou o seu lar. A família era muito generosa para com os pobres e sempre pronta a receber hóspedes em sua casa. Rara era a semana em que não sentasse um estranho à sua mesa. Muitas vezes, amigos, estudantes, doutores e admiradores de toda espécie, faziam refeições com eles, que geralmente eram frugais, temperadas com diálogos sérios ou alegres. Após a refeição, apreciavam uma bela música tocada com os amigos e com os filhos.

Comentando sua vida matrimonial, Lutero escreve: “Deus quis a realização do meu casamento e, para mim, não podia ter sido melhor, pois tenho uma esposa piedosa e fiel, em quem o coração do marido pode confiar; ela é a companheira ideal”.<sup>28</sup>

### 1.8 Lutero e sua Morte

Poucos dias antes de sua morte, Lutero escreveu a um amigo, dizendo: “Estou farto do mundo e o mundo de mim; assim é fácil a gente se despedir, como um hóspede que deixa a estalagem. Por isso, eu peço um fim abençoado e não me prendo mais a esta existência”.<sup>29</sup>

No início de 1546, Lutero foi convidado a ir a Eisleben, a fim de apaziguar uma contenda surgida entre os condes e seus súditos. Mesmo estando já muito enfraquecido, esforçou-se no sentido de remover todos os pontos de divergência nesta cidade. Então Lutero tomou a resolução de voltar para casa dentro de poucos dias; Deus, porém, já decidira de modo diferente.

No dia 17 de fevereiro, Lutero já não mais conseguira participar das negociações em vista da sua crescente fraqueza. Na noite deste mesmo dia, ao deitar-se, orou assim:

Meu querido Pai celestial, Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, Deus de todo consolo, graças te dou porque revelaste teu querido Filho Jesus Cristo, em quem eu creio, a quem eu tenho pregado e confessado, a quem eu tenho amado e enaltecido e a quem o papa desprezível e todos os ímpios desonram, perseguem e ofendem. Suplico-te, Senhor Jesus Cristo, que tomes conta de minha alma. Ó Pai celestial, se devo deixar este corpo e ser arrancado desta vida, tenho a absoluta certeza de que estarei eternamente em tua companhia e que ninguém me arrebatará das tuas mãos.<sup>30</sup>

<sup>27</sup> JUST, 2012, p. 113-114.

<sup>28</sup> JUST, 2012, p. 116.

<sup>29</sup> JUST, 2012, p. 119.

<sup>30</sup> JUST, 2012, p. 121.

Assim, entre duas e três horas da madrugada do dia 18 de fevereiro de 1546, Lutero virou-se para o lado, e adormeceu, tranquilo e bem-aventurado, na fé em seu Salvador. No dia 19, o corpo de Lutero foi levado para a igreja do castelo de Eisleben e depositado diante do altar. No dia seguinte, o Dr. Cölius proferiu um sermão, e depois o corpo foi transladado para a cidade de Wittenberg, onde, após ser velado pela família, amigos, professores, estudantes e o povo em geral, foi sepultado na Igreja do Castelo de Wittenberg.

## 2. LUTERO E SUA DOCTRINA

Paul Althaus referiu-se a Lutero como um “oceano”. Essa imagem aplica-se não somente à sua enorme produção literária, mas também à sua poderosa originalidade e enervante profundidade. Apenas dois outros teólogos na história da Igreja, Agostinho e Aquino, aproximam-se da estatura de Lutero; apenas outro conjunto de escritos, os próprios documentos do Novo Testamento, foram estudados com tanto escrutínio quanto as obras do reformador de Wittenberg. Não é difícil afogar-se num oceano assim.<sup>31</sup>

Lutero não era apenas um ouvinte da Palavra, mas certamente um cumpridor dela. Contudo, o ouvir, o receber, era primordial para Lutero. *Fides ex auditu*, “a fé vem pelo ouvir”, é talvez o melhor resumo de sua descoberta da Reforma. Lutero não se tornou um reformador porque atacou as indulgências. Ele atacou as indulgências porque a Palavra já havia criado raízes profundas em seu coração.

A teologia de Lutero era ao mesmo tempo *bíblica, existencial e dialética*.<sup>32</sup>

Lutero era um teólogo **bíblico**. Isso significou uma ruptura radical com o currículo padrão da teologia escolástica e uma reorientação da teologia ao texto bíblico. Lutero resumiu assim seu ataque contra a teologia escolástica num disparo contra Aristóteles:

É um erro dizer que o homem não pode tornar-se um teólogo sem Aristóteles. A verdade é que não pode tornar-se um teólogo sem se livrar de Aristóteles. Em resumo, comparado com o estudo da teologia, o todo de Aristóteles é como a escuridão para a luz.<sup>33</sup>

Para Lutero, no campo da verdadeira teologia, a razão funcionava apenas *ex post facto*, ou seja, como princípio ordenador pelo qual a revelação bíblica era claramente apresentada.

Quando chamamos Lutero de teólogo **existencialista**, queremos dizer que, para ele, o interesse por Deus era uma questão de vida ou morte, envolvendo não apenas o intelecto de um homem, mas sua existência como um todo. Para Lutero, a teologia era sempre intensamente pessoal, experiencial e relacional. Podemos ver melhor este conceito mediante três expressões cruciais do vocabulário de Lutero:

*Coram Deo*: a existência humana é vivida *coram Deo*, “diante de Deus” ou “na presença de Deus”. O Deus vivo da Bíblia é o Deus que nos encontra em juízo e misericórdia, o Deus que nos condena e nos salva.

*Christus pro Me*: o âmago da teologia de Lutero era que, em Jesus Cristo, Deus deu-se a si mesmo, absolutamente e sem reservas, para nós. Apenas quando reconhecermos que Cristo

<sup>31</sup> GEORGE, Timothy. *Teologia dos reformadores*. Tradução de Gérson Dudus e Valéria Fontana. São Paulo: Vida Nova, 1994, p. 53.

<sup>32</sup> GEORGE, 1994, p. 58.

<sup>33</sup> ATKINSON, James. *Luther: Early Theological Works*. In: GEORGE, 1994, p. 59.

foi dado *pro me, pro nobis* (por mim, por nós), teremos discernido a importância da realização de Cristo. A boa nova é que, em Jesus Cristo, o Deus soberano é por nós, não contra nós.

*Anfechtung*: essa palavra é muitas vezes pobremente traduzida por “tentação”, mas na verdade significa pavor, desespero, sensação de perdição, agressão e ansiedade. “Ninguém deve seguir seu caminho segura e despreocupadamente, como se o diabo estivesse longe de nós”. A fé genuína e a verdadeira teologia são forjadas sobre a bigorna da tentação, porque só a *experientia* faz um teólogo.

A terceira marca da teologia de Lutero era seu caráter dialético. Lutero parecia regalar-se em paradoxos. Falava constantemente em dualismos: lei e evangelho, ira e graça, fé e obras. A verdade só pode ser alcançada quando confrontada com uma verdade contrastante.

## 2.1 A Palavra de Deus: *Sola Scriptura*

Lutero tratou de fazer da Palavra de Deus o ponto de partida e a autoridade final de sua teologia, e nela descobriu a resposta para suas angústias espirituais. A Bíblia é a Palavra de Deus, não porque seja infalível, ou porque seja um manual de verdades que os teólogos podem utilizar em seus debates entre si. “A Bíblia é a Palavra de Deus porque nela chega Jesus Cristo até nós. Que lê a Bíblia e não encontra nela Jesus Cristo, não tem lido a Palavra de Deus”.<sup>34</sup>

Diz-se que Lutero encontrou um cânon dentro do cânon, pelo qual todo o texto das Sagradas Escrituras devia ser avaliado. Por outras palavras, enquanto ninguém pode julgar as Escrituras, as próprias Escrituras são sua crítica. “O que quer que não ensine Cristo não é apostólico, mesmo quando é Pedro ou Paulo quem ensina. Além disso, o que quer que pregue a Cristo deve ser apostólico, mesmo que sejam Judas, Anás, Pilatos e Herodes que estejam fazendo”.<sup>35</sup>

## 2.2 A Justificação pela Fé Somente: *Sola gratia e Sola fides justificat*

O protestantismo nasceu da luta pela doutrina da justificação pela fé somente. Para Lutero, era o resumo de toda doutrina cristã, o artigo pelo qual a igreja se mantém ou cai. Lutero afirmou certa vez:

Comecei a entender que “a justiça de Deus” significava aquela justiça pela qual o homem justo vive mediante o dom de Deus, isto é, pela fé. É isso o que significa: a justiça de Deus é revelada pelo evangelho, uma justiça passiva com a qual o Deus misericordioso nos justifica pela fé, como está escrito: “Aquele que pela fé é justo, viverá”. Aqui, senti que estava nascendo completamente de novo e havia entrado no próprio paraíso através de portões abertos.<sup>36</sup>

Noutra ocasião Lutero faz a seguinte declaração: “Portanto, meu querido irmão, aprenda a Cristo e o aprenda crucificado; aprenda a orar a ele, perdendo toda esperança em si mesmo, e diga: *Tu Senhor Jesus, és a minha justiça, e eu sou o teu pecado; tomaste em ti mesmo o que não eras e deste-me o que não sou*”.<sup>37</sup>

<sup>34</sup> GONZALEZ, 1995, p. 66.

<sup>35</sup> GEORGE, 1994, p. 85.

<sup>36</sup> GEORGE, 1994, p. 64.

<sup>37</sup> GEORGE, 1994, p. 71.

Lutero, porém, era cuidadoso em guardar-se contra a tentação de considerar a própria fé uma obra meritória. Falando corretamente, em si mesma a fé não justifica; ela é, por assim dizer, o órgão receptor da justificação. Ela não faz a graça existir, mas simplesmente tornar-se cônica de algo já em existência. Ter fé é aceitar a aceitação que é nossa em Jesus Cristo. Mas essa não é uma atividade humana autogerada, é dom do Espírito Santo. A pessoa que assim recebeu o dom da fé é descrita por Lutero como “ao mesmo tempo justa e pecadora” (*simul iustus et peccator* ou, posteriormente, *semper iustus et peccator*):

Não se trata de que o pecador deixe de ser pecador quando é justificado. Pelo contrário, quem recebe a justificação pela fé descobre nela mesma o quanto é pecador, e não por ser justificado é que deixa de pecar. A justificação não é a ausência do pecado, mas o fato de que Deus nos declara justos ainda que em meio ao nosso pecado, de igual modo ao evangelho que acontece sempre em meio à lei.<sup>38</sup>

A doutrina da justificação de Lutero caiu como uma bomba na paisagem teológica do catolicismo medieval. Ela arrasou toda a teologia dos méritos e, na verdade, a base penitencial-sacramental, da própria igreja. Surge então a pergunta: será que Lutero não tinha lugar algum para as boas obras?

Enquanto de maneira alguma somos justificados pelas obras, elas devem seguir-se à fé como seu fruto característico. O fruto da justificação é a fé ativa no amor. A justificação pela fé somente liberta-me para amar meu próximo desinteressadamente, por causa dele mesmo, como meu irmão ou irmã, não como meio calculado para meus próprios objetos desejados. Estamos livres para ser de Cristo uns para os outros. Esta verdade pode ser vista claramente em uma de suas declarações:

Um cristão é senhor livre de todas as coisas e não sujeito a ninguém pela fé.  
Um cristão é servidor de todas as coisas e sujeito a todos pelo amor.<sup>39</sup>

### 2.3 O Conhecimento de Deus

Lutero concordava que era possível ter certo conhecimento sobre Deus por meios puramente racionais ou naturais. Este conhecimento permite ao ser humano saber que Deus existe, e distinguir entre o bem e o mal. Porém este não é o verdadeiro conhecimento de Deus. Todos os esforços da mente humana para elevar-se ao céu e conhecer a Deus são totalmente inúteis. O fato é que Deus em sua revelação se nos dá a conhecer de um modo muito distinto. A suprema revelação de Deus tem lugar na cruz de Cristo, e, portanto, Lutero propõe que se siga o caminho da “teologia da cruz”.

O que essa teologia busca é ver a Deus, não onde nós queremos vê-Lo, nem como nós desejamos que Ele seja, mas sim onde Deus se revela, e como Ele mesmo se revela, isso é, na cruz.<sup>40</sup>

<sup>38</sup> GONZALEZ, 1995, p. 69.

<sup>39</sup> LUTERO, Martinho. *Da liberdade cristã*. Tradução de Leônidas Boutin e Heinz Soboll. 9.ed. São Leopoldo: Sinodal, 2016, p. 9.

<sup>40</sup> GONZALEZ, 1995, p. 68.

## 2.4 A Predestinação: deixem Deus ser Deus

Somos justificados não porque Deus nos está tornando gradualmente justos, mas porque fomos declarados justos com base no sacrifício expiatório de Cristo. Lutero defendeu a tese: “Depois da queda, o livre-arbítrio existe apenas nominalmente, e, enquanto alguém ‘faz o que está em si’, está cometendo um pecado mortal”.<sup>41</sup>

Então, será que Lutero era um determinista absoluto? Não. Ele nunca afirmou que o livre-arbítrio mantém seu poder em assuntos que não se relacionam com a salvação. Assim, Lutero disse a Erasmo certa vez: “Sem dúvida você está certo em conferir ao homem algum tipo de arbítrio, mas imputar-lhe um arbítrio que seja livre nas coisas de Deus é demais”.<sup>42</sup>

A doutrina da predestinação defendida por Lutero não era motivada por interesses especulativos ou metafísicos. Era uma janela para uma vontade graciosa de Deus, que se ligou livremente à humanidade em Jesus Cristo. A predestinação, como a natureza do próprio Deus, só pode ser atingida mediante a cruz de Cristo.

## 2.5 Lutero e a Igreja

A última coisa na vida que Lutero queria fazer era começar uma nova igreja. Ele não era um inovador, mas um reformador. Ele nunca se considerou algo além de um membro verdadeiro e fiel da igreja una, santa, católica e apostólica. Mas o que era igreja para Lutero? Igreja é: “cristãos santos e ovelhas que ouvem a voz do seu pastor”. Lutero não gostava da palavra alemã *kirche*, porque veio a significar a construção ou a instituição. Ele preferia *Gemeine* [ou *Gemeinde*] (comunidade), ou *Versammlung* (assembleia). A verdadeira igreja era o povo de Deus, a comunidade de cristãos ou, como diz o Credo dos Apóstolos, a comunhão dos santos. A doutrina da igreja para Lutero possuía três facetas:

a) **A prioridade do evangelho:** Lutero sustentava que o evangelho constituía a igreja, não o contrário (a igreja constituindo a Palavra de Deus). Assim, a graça de Deus era a graça *de Deus*. Não podia ser comprada, vendida ou parcelada em indulgências.

b) **A Palavra e o Sacramento:** Lutero recuperou a doutrina paulina da proclamação: a fé vem pelo ouvir, o ouvir pela Palavra de Deus. Mas como ouvirão sem um pregador (Rm 10.17)? Ele não inventou a pregação, mas a elevou a um novo status dentro do culto cristão. Para ele, as três marcas de um bom pregador são estas: ele se levanta, fala e sabe quando se calar!

Ao lado da Palavra corretamente pregada estão os sacramentos adequadamente administrados. Lutero atacou o sistema sacramental do catolicismo medieval, sustentando a autenticidade de apenas dois sacramentos: o batismo e a santa comunhão. Esses dois atos possuem em comum as seguintes características: 1) ambos proclamam o perdão dos pecados, 2) não são eficazes em sua celebração, mas na fé que se tem neles e 3) são extensões ou instâncias separadas da Palavra de Deus e, assim, comunicam à igreja as promessas infalíveis de Deus.<sup>43</sup>

---

<sup>41</sup> GEORGE, 1994, p. 76.

<sup>42</sup> GEORGE, 1994, p. 77.

<sup>43</sup> Para uma discussão sobre batismo e ceia, ver: GEORGE, 1994, p.93-96 e GONZALEZ, 1995, p. 69-72. Ver também o capítulo 10 (As controvérsias acerca da Santa Ceia e do Batismo de Crianças, p. 183-193) em LEINHARD, Marc. **Martin Lutero**: tempo, vida e mensagem. Tradução de Walter Altmann e Roberto H. Pich. São Leopoldo: Sinodal, 1998.

c) **O Sacerdócio de Todos os Santos**: a essência de sua doutrina pode ser expressa numa única frase: todo cristão é sacerdote de alguém, e somos todos sacerdotes uns dos outros. O fato de que somos todos sacerdotes significa que cada um de nós, cristãos, pode ir perante Deus e interceder pelo outro. Isto implica que ninguém pode ser um cristão sozinho.

## 2.6 Lutero e o Estado

Segundo Lutero, Deus tinha estabelecido dois reinos, um sob a lei e o outro sob o evangelho. O Estado opera debaixo da lei, e seu principal propósito é pôr limites ao pecado humano. Sem o Estado, os maus não teriam freios. Os crentes, por outra parte, pertencem ao segundo reino, e estão debaixo do evangelho. Como governantes, sua obediência se deve à lei e não ao evangelho. No reino do evangelho, as autoridades civis não têm poder algum. E no que se refere a esse reino, não estão sujeitos ao Estado. Porém, não esqueçamos que os crentes, ao mesmo tempo que são justificados pela fé, continuam sendo pecadores. Portanto, enquanto somos pecadores, todos estamos sujeitos ao Estado. O que isso quer dizer em termos concretos é que a verdadeira fé não tem de impor-se mediante autoridade civil, mas mediante a proclamação da Palavra.<sup>44</sup>

A causa fundamental dos abusos da igreja na época, era que o papa se recusava a “abrir mão” do senhorio temporal. O papa deveria ter exercido nenhuma autoridade sobre o imperador ou sobre outros governantes seculares. Sua função não era reger nações, mas pregar o evangelho. Se os católicos confundiam os dois reinos na direção de uma teocracia papal, os anabatistas separavam muito precisamente os reinos em nome do separatismo religioso. Lutero insistia na origem divina do Estado, nos limites de seu poder e na base para a participação do cristão em sua atividade coercitiva. O pastor instava seu rebanho a obedecer à autoridade temporal, enquanto o príncipe protegia a igreja da violência da massa. Sempre que as ordens dos dois reinos se chocarem, o cristão deve dizer com Pedro: “*Antes importa obedecer a Deus do que aos homens*” (At 5.29).<sup>45</sup>

## 3. LUTERO E SUAS CONTRIBUIÇÕES

Sem dúvida alguma, Lutero foi um gigante da Igreja; sua influência ultrapassou os limites do tempo. As igrejas luteranas da Alemanha e dos países escandinavos nasceram do seu trabalho. Para elas, elaborou ele os Catecismos Maior e Menor; preparou apostilas para ajudar os ministros em seus sermões; desenvolveu um sistema de governo eclesiástico; deu a Bíblia alemã, que em muito contribuiu para padronizar a língua, além de compor belos e grandiosos hinos, como “Castelo Forte”, próprio para o cântico congregacional no vernáculo.

Além disso, criou um sistema de educação elementar para que o povo pudesse aprender a ler a Bíblia em alemão; a execução dessa tarefa foi recomendada aos governos das cidades alemãs numa carta de 1524; em 1530, ele lembrou aos pais o dever de enviarem seus filhos à escola. A educação elementar compulsória teve nesses esforços os seus primórdios. Interessou-se ainda ele pelas escolas secundárias e pela educação universitária.

Lutero recolocou a pregação em seu devido lugar, restabelecendo um meio de instrução espiritual largamente usado na Igreja Primitiva. Ademais, levou sua geração a perceber que a

<sup>44</sup> GONZALEZ, 1995, p. 72.

<sup>45</sup> GEORGE, 1994, p. 100-102.

cultura não era mais uma questão da razão, mas da regeneração pela fé em Cristo. Lutero fez do individualismo da Renascença um assunto espiritual ao propor que o indivíduo pela fé em Jesus Cristo podia manter uma comunhão salvífica com Deus. Para substituir a igreja como a autoridade, ele apresentou a Bíblia como a regra de fé e prática infalível que todo crente-sacerdote poderia usar para se orientar em questões de fé e moral. Lutero não negou a necessidade de uma relação comunitária na Igreja; ao contrário, insistiu sempre na importância da comunhão dos membros do Corpo de Cristo.<sup>46</sup>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dos piores momentos da vida de Lutero aconteceu quando sua amada filhinha Madalena, que mal tinha 14 anos de idade, foi atingida pela peste. Com o coração despedaçado, ele ajoelhou-se ao lado da cama dela e suplicou a Deus que a livrasse do sofrimento. Quando ela morreu e os carpinteiros estavam pregando a tampa de seu caixão, Lutero gritou: “Fora com os martelos! No dia do juízo, ela se levantará novamente”.<sup>47</sup> Talvez esta frase mostre o quanto a sua teologia causava impacto sobre sua própria vida.

Lutero “nunca se considerou o fundador de uma nova organização eclesial. Ele dedicou sua vida à reforma da Igreja e à restauração da doutrina paulina da justificação à posição central na teologia cristã”.<sup>48</sup> Quanto a sua obra, ele mesmo disse:

Simplesmente ensinei, preguei, escrevi a Palavra de Deus; não fiz mais nada. E então, enquanto eu dormia, a Palavra enfraqueceu tão intensamente o papado que nenhum príncipe ou imperador jamais fez estrago assim. Não fiz nada. A Palavra fez tudo.<sup>49</sup>

O legado de Lutero, diferentemente de outros, não se encontra na santidade de sua vida. Muitos foram seus vícios, às vezes, mais visíveis do que as virtudes. O verdadeiro legado de Lutero é sua percepção espiritual do caráter gracioso de Deus em Jesus Cristo, o Deus que nos ama e nos sustenta até a morte e de novo até a vida.

Ao final, poderíamos nos referir a Lutero com as palavras do apóstolo Paulo, do seu testemunho em Antioquia (quando falava de Davi): “*Porque na verdade, tendo «Lutero» servido à sua própria geração, conforme o desígnio de Deus, adormeceu e foi para junto de seus pais*” (Atos 13.36).

## REFERÊNCIAS

BETTENSON, Henry. **Documentos da igreja cristã**. Tradução de Helmuth Alfredo Simon. São Paulo: ASTE, 1998. 370 p.

BUYERS, Paul E. **Martinho Lutero: o homem que abalou o mundo**. São Paulo: Junta Geral de Educação Cristã da Igreja Metodista do Brasil, 1949. 127 p.

<sup>46</sup> CAIRNS, 2008, p. 241. Sugere-se a leitura da obra: CÉSAR, Elben M. Lenz. **Conversas com Lutero: história e pensamento**. Viçosa: Ultimato, 2006. O autor, em forma fictícia, embora rigorosamente baseado em fatos históricos, propõe uma série de conversas “com Lutero” sobre inúmeros temas nos quais ele contribuiu.

<sup>47</sup> GEORGE, 1994, p. 105.

<sup>48</sup> HEINZE, R. W. **Martinho Lutero**. In: ELWELL, Walter A. (edit). **Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã**. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 457.

<sup>49</sup> GEORGE, 1994, p. 55.

CAIRNS, E. E. **O Cristianismo através dos séculos: uma história da Igreja Cristã.** São Paulo: Vida Nova, 2008. 672 p.

CÉSAR, Elben M. Lenz. **Conversas com Lutero: história e pensamento.** Viçosa: Ultimato, 2006.

DREHER, Martin N. **De Luder a Lutero: uma biografia.** São Leopoldo: Sinodal, 2014.

ELWELL, Walter A. (edit). **Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã.** Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2009.

GEORGE, Timothy. **Teologia dos reformadores.** Tradução de Gérson Dudus e Valéria Fontana. São Paulo: Vida Nova, 1994. 339 p.

GONZALEZ, Justo L. **A Era dos Reformadores: uma história ilustrada do cristianismo.** Tradução de Itamir de Souza. São Paulo: Vida Nova, 1995. Vol. 6, 219 p.

LEINHARD, Marc. **Martin Lutero: tempo, vida e mensagem.** Tradução de Walter Altmann e Roberto H. Pich. São Leopoldo: Sinodal, 1998.

LINDBERG, Carter. **As reformas na Europa.** Tradução de Luís Henrique Dreher e Luís Marcos Sander. São Leopoldo: Sinodal, 2001.

JUST, Gustav. **Deus despertou Lutero.** 3.ed. Tradução de Gastão Thomé. Porto Alegre: Concórdia, 2012. 136 p.

LUTERO, Martinho. **Da liberdade cristã.** Tradução de Leônidas Boutin e Heinz Soboll. 9.ed. São Leopoldo: Sinodal, 2016. 48 p.

WALKER, Williston. **História da igreja cristã.** 4.ed. Tradução de N. Duval da Silva. São Paulo: ASTE, 2015. 850 p.



A Revista Via Teológica está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional